

AM  
F

Fiaminghi, amigo do coração,

Não vou até aí, no sábado, dia de seu aniversário. Preciso ir para a Lagoinha, como medida terapêutica, pelo muito que estou cansado e consumido.

Mas, como só os amigos sabem, há jeito de ficar com você sem chegar até sua casa, sua deliciosa casa. Fico com você no coração, isto é, continuo com você no coração, onde você sempre esteve e de onde só vai sair se fizer muito esforço e questão. Do contrário, seu lugar é lá, no coração. E me faz muito bem.

Como se estivéssemos conversando, vou dizendo que minha vida se enriqueceu muito, depois de 1968. Pelo menos três amigos vieram para minha vida e não saíram mais: você, o Budapéstico e o José Luís, baiaao (??baiano) louco como você é italiano louco, quer dizer, não são loucos naquele sentido mais nosocômico, mas não são normais no sentido de serem muito horizontais e sem novidades. Como foi que comecei a me desinibir e ver uma obra de arte plástica com coragem e com uma nesga de seriedade? Foi no Atelier, crescendo na medida que seus alunos iam caminhando do mero traçado de duas paralelas até o início de traçados menos simplistas e o rompimento do complexo da cor, deixando as coisas e cores óbvias e perseguindo harmonias menos obrigatórias. Fui com eles, mesmo não arriscando uma linha e só sendo autor de um "fundo" que se conserva ainda virgem, em algum lugar da Prefeitura. *mesmo*

E o carinho que a gente foi sentindo devagar invadindo os sentimentos e tomando conta da gente, sem polícia e sem acanhamento: de repente, foi fazendo falta o encontro de sábado e as madrugadas de domingo e a rápida alienação do mundo imediato, seja por álcool, seja porque aquela vida nossa não era do comum das gentes e os nossos sonhos não nos tiravam de todo do chão. Quer dizer, se havia insensatez, era a insensatez permissível: dentre outras coisas nós chegamos ao lirismo de acreditar que havíamos criado uma coisa definitiva. O Sobral, esse exemplar cretino das Artes, provou que, dentro de nós, ainda estava o Quixote, agora armado de pincel, ou de lira, mas do mesmo modo, lutando os moinhos que possuíamos. Cada um escolhe o seu. Nós ficamos com a ilusão de que o mundo já estava pronto para receber tanta beleza. E não estava. Pelo menos, não estava em São José dos Campos. Se serve de consolo, dá para dizer que ainda não está, agora que um outro energúmeno substituiu aquele do nosso tempo, o que veio em lugar do Veloso, o último humanista popular do Brasil.

Foi uma das épocas mais felizes *de* da minha vida. Nem mesmo os diplomas, os cursos de pós-graduação. Nada. Depois daquilo, só a Miriam, que é maravilhosa e minha mulêta em toda caminhada. Toda. Eu amanhecia vendo uma obra de arte e dormia ouvindo música ao vivo, feita por nós. Não era bem uma vida. Era mais que isso. Era um estado mágico. Uma supra-realidade. De vez em quando, descíamos para esse primeiro andar do mundo e assinávamos um cheque, despachávamos um papel, fazíamos uma visita para o cotidiano. No mais do tempo, ficávamos lá pelo Éden, perto do Olimpo, sugando uvas do jeito que podíamos ter o nosso vinho.

Construí minha vida e vocês três armaram tudo para que eu soubesse, na carne, o gozo bom da fortuna, essa coisa envolta em neblina, que a gente sabe que existe mas não põe a mão, como acontecia com os substantivos abstratos de antigamente.

*nam*  
Italiano, você achava que um cara com esse tipo de sentimento do mundo e com esse jeito de olhar o carcamano do meu coração, preciso dizer mais alguma coisa para justificar minha estima e meu carinho por você? Estou vendo você dizer que não precisa, cheio de lágrimas, ou às gargalhadas. Mas não precisa, isso é que é importante.

Um abraço do amigo no sol e na chuva, em qualquer tempo, o Luiz Gonzaga

São José dos Campos, 19/10/1977

instituto de arte contemporânea